

ARTES PLÁSTICAS

José Roberto Teixeira Leite

LÍVIO ABRAMO

retrospectiva na Ars Mobile

A INAUGURAÇÃO, dia 29 de setembro último, da Retrospectiva Lívio Abramo na Galeria Ars Mobile, trouxe de volta ao público brasileiro, após longos anos, a arte desse gravador que muitos consideram o mais importante do Brasil contemporâneo. A mostra, reunindo 80 obras, apresenta o que de mais representativo produziu o artista, tanto em gravura, como em desenho e em aquarela.

Tôda a continuidade da obra de Lívio Abramo, a falta de rompimentos bruscos, o amadurecimento de uma linha de pesquisa que data de 1936, a partir do expressionismo, embora dentro de uma atmosfera brasileira, acham-se presentes na exposição, na qual ressaltam alguns momentos para o artista realmente significativos:

— Sempre procurei escolher temas, correspondendo às minhas afeições, sem me ligar a qualquer restrição ou recomendação da moda. De tôda a minha produção, as fases em que me dediquei às séries Rio, Macumba e Paraguai são as que mais de perto tocaram minha veia dramática. Procurei fazer não só simples paisagens, fotográficas, exteriores, mas captar a essência de uma paisagem, seu aspecto rítmico, de contrastes, de intensidade de aspectos. O Rio é uma cidade dramática, a macumba me fez pesquisar durante muito tempo acerca de como traduzir tôda a sua

fôrça, e o Paraguai foi para mim uma revelação, uma paisagem que se coadunou perfeitamente com o meu temperamento.

Bienais desgastam o artista

Declarando-se grande admirador e entusiasta dos movimentos artísticos contemporâneos, Lívio faz entretanto restrições à organização a que estão sujeitos os mesmos, e à circunstância de os artistas se verem forçados a produzir, em grande quantidade e rapidamente, sob pena de ficarem marginalizados. Falando sobre as Bienais, afirma Lívio considerá-las um desgaste para os artistas, na medida em que, ao lado de estimularem a produção, não permitem um amadurecimento maior do artista, pela urgência de sua participação:

— O mais importante dado que vejo, dentro dos movimentos atuais, é a liberdade ilimitada de expressão, que o artista adquiriu, pela grande diversidade de possibilidades de criação que se lhe oferecem. No entanto só considero válida aquela produção artística decorrente de um legítimo conhecimento, de um amadurecimento das proposições. A novidade pela novidade é totalmente inconsistente.

De autodidata a mestre

Segundo Lívio Abramo, tôda sua obra ressoa-se fundamentalmente de dois aspectos: primeiro, de sua "frustração" de não ter cursado Arquitetura, frustração que no entanto diz superada por suas realizações, mormente no campo do desenho, e segundo, da falta de orientação, que o forçou a pesquisar sozinho, durante longos anos, aquilo que poderia ser dado por uma orientação competente. Hoje, porém, Lívio Abramo é um dos principais colaboradores da Missão Cultural Brasileira em Assunção, Paraguai, lecionando Teoria e História da Arte, além de desenho, gravura e pintura:

— Perdi 20 anos de minha carreira de artista procurando alcançar uma série de coisas. Hoje, o que busco dar aos meus alunos é a possibilidade de desenvolver sua capacidade criadora.

Lívio Abramo também ensinou por muitos anos no Brasil, e juntamente com Maria Bonomi, que foi sua aluna, fundou o Estúdio Gravura, em 1960, por onde passaram nomes como Miriam Chiaverini, Moacir Rocha, Hans Grudzinsky e Antônio Henrique do Amaral.

Exposição no Paraguai

A última exposição que Lívio realizou deu-se no Paraguai em 1968. De lá para cá vinha estudando a possibilidade de realizar uma exposição no Brasil, agora concretizada na individual da Ars Mobile. As obras expostas, variando em preço entre 400 e 2 000 cruzeiros, são em geral de tiragem bastante limitada. No dia da inauguração foram sorteados entre os presentes 40 cartazes, impressos a partir de uma gravura original de Lívio, com tiragem de 300 exemplares.



O grande gravador brasileiro Lívio Abramo, que atualmente expõe em São Paulo, na Galeria Ars Mobile, 80 obras de diferentes técnicas e datando de vários momentos de sua longa carreira

Brasileiros influenciam arte jovem do Paraguai

DEPOIS de muitos séculos em absoluta inatividade, as artes plásticas do Paraguai começaram a sofrer transformações radicais em consequência da influência de artistas brasileiros que para lá se deslocaram a fim de participar das promoções da Casa do Brasil, criada em 1950 pelo escultor e gravador Lívio Abramo. Até essa época o Paraguai vivia à sombra das obras feitas pelos jesuítas da época da colonização — século XVI — e de uma ou outra manifestação isolada no campo da pintura, como Saturio Rios e Jaime Vestar; o primeiro, do século passado, não passou de um retratista, e o outro, do começo deste século, apenas trouxe para seu país aquilo que havia aprendido em Paris.

Casa do Brasil

Jesus Ruiz Nestosa, estudioso do movimento artístico em seu país e crítico especializado do jornal "ABC COLOR", um dos mais importantes da capital paraguaiense, classifica a presença brasileira no país da seguinte forma: "Quando Lívio Abramo veio para cá encontrou um Paraguai deserto de valores artísticos. Talvez o problema fosse a falta de incentivo e impulso para desenvolver o talento inato em muitos jovens. Sua capacidade de trabalho e a implantação da Casa do Brasil, onde dezenas de excelentes artistas fizeram suas exposições e deram cursos rápidos sobre a técnica usada em seus trabalhos, serviram para a descoberta de novos valores que se uniram e formaram o movimento "Arte Nova", congregando representantes da pintura moderna, gravura e escultura.

Entre os inúmeros artistas brasileiros que fizeram exposições na Casa do Brasil em Assunção figuram Fayga Ostrower e Fernando Calderari, ambos gravadores, que tiveram um sucesso enorme, além de Lívio Abramo, que além de expor seus trabalhos reúne mensalmente os jovens paraguaios que se dedicam à arte da gravura e lhes ministra pequenos cursos. Do incentivo dado pela Casa do Brasil aos artistas paraguaios surgiu o grupo "Arte Nova", que, em pouco tempo, assimilava os ensinamentos e criava suas próprias características. Entre os jovens destacam-se Olga Blinder, Carlos Colombino, Josefina Pla, Jorge Laterza Parodi e Edith Jimenez.

Como acontece com tudo que é novo em matéria de arte, a aceitação dos trabalhos feitos pelo grupo foi muito reduzida, até que, por sugestão de artistas brasileiros, os paraguaios



PINTURA DE OLGA BLINDER



Escultura de Jorge Laterza Parodi, do grupo "Arte Nova"

começaram a fazer exposições individuais usando casas comerciais, livrarias e a própria Casa do Brasil.

Pesquisa

O desenvolvimento da arte contemporânea no Paraguai serviu para que um grupo de estudiosos se dedicasse a elaborar o passado artístico do país. Para isso foram necessárias inúmeras pesquisas que demonstraram a inexistência de muitos nomes e muitas obras. Por exemplo, em cinco séculos de civilização paraguaiense somente foi encontrado um gravador — Kabichu-i (nome guaraní que significa abelha) —, pertencente ao século XIX, que se dedicava a fazer sátiras para o jornal que possuía seu nome, durante a Guerra da Triplíce Aliança. Do gravador foi possível encontrar as matrizes e estas integraram uma exposição a ser realizada no próximo ano,

ocasião em que será comemorado o centenário de fundação do jornal.

A carência de artistas nacionais no Paraguai serviu para a idéia de Augusto Rodrigues de fundar uma escolinha de arte nos mesmos moldes da existente no Rio de Janeiro, na Casa do Brasil, em Assunção. A idéia, a princípio, foi recebida com reservas porém o tempo demonstrou que o que faltava no país era justamente pessoas que incentivassem as artes e orientassem os novos artistas.

A Escolinha de Arte de Augusto Rodrigues funciona em duas amplas salas da Casa do Brasil. O número de alunos — de 7 a 12 anos — é cada vez maior, e o Professor Neistein, o diretor do curso, não sabe como medir esforços para atender os pedidos de matrículas. O meio utilizado para a difusão do curso infantil foi o mais simples possível. O Professor Neistein reunia seus alunos e de prancheta e caixa de lápis de côr nas mãos saíam pelas ruas de Assunção procurando lugares atraentes para reproduzir em suas telas e papéis. A população aprendeu a ver os jovens pintores pelas ruas e o interesse pela Escolinha de Arte foi aumentando.

Um exemplo típico de influenciado pelos trabalhos nas ruas é Luis Henrique Ortega, de onze anos de idade, filho de um comerciante de café. Luis sempre via os alunos do Professor Neistein e sentia curiosidade em ver o que faziam. Ficava olhando horas e horas o trabalho dos garotos, até que resolveu participar do grupo. Hoje desenha razoavelmente e seus trabalhos possuem colorido bem vivo.